

Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos / Empresa Editora: «União Gráfica» — R. de Santa Marta, 158-Lisboa / Administrador: P. António dos Reis

A Peregrinação de Fevereiro 13

No dia 13 de Fevereiro último, durante toda a manhã, o firmamento apresentou-se limpo de nuvens, raiando o sol com o brilho pálido e frouxo próprio da quadra invernal.

A hora habitual, rezou-se o terço do Rosário, junto da Capela das aparições, efectuando-se em seguida a primeira procissão com a veneranda Imagem de Nossa Senhora da Fátima que se conserva exposta dia e noite nessa Capela à veneração dos fiéis.

Ao meio-dia e meia hora, começou a Missa oficial, no altar do Pavilhão dos doentes. Foi celebrante o Rev. P. José da Cruz Perdigo, pároco da freguesia da Marinha Grande.

A multidão de peregrinos que assistiu à Missa e aos outros actos religiosos comemorativos das aparições, era bastante numerosa.

Antes de principiar o Santo Sacrifício, o Rev. dr. Marques dos Santos anunciou que era oferecido não só pelas intenções do costume, mas ainda e de modo especial em sufrágio da alma de Sua Santidade o Papa Pio XI, de santa e saudável memória. Pediu em seguida a toda a assistência que pela mesma intenção rezasse uma estação ao Santíssimo Sacramento, estação que foi rezada em comum no fim da Missa.

Foi o referido sacerdote que ao Evangelho subiu ao púlpito para fazer a costumada homilia. A sua breve alocução versou sobre a solenidade litúrgica do dia — a solenidade das Cinco Chagas. A propósito, falou da devoção que os portugueses nossos antepassados tinham à Paixão de Nosso Senhor e em particular às Cinco Chagas. Essa devoção levou-os a gravar na bandeira nacional as Cinco Chagas que, apesar de tantas vicissitudes, ainda hoje nela se conservam.

O orador fez notar que Jesus, ressuscitando imortal e impassível, sem deixar no seu Corpo santíssimo vestígios das outras chagas, quis conservar essas cinco a ponto de o Apóstolo S. Tomé, como refere o Santo Evangelho, poder introduzir a mão na do lado e os dedos nas das mãos e dos pés.

Frisou ainda que este facto devia ser considerado como uma indicação e um convite tácito à nossa devoção para com as Cinco Chagas do Divino Redentor.

No fim da Missa, fez-se a exposição solene do Santíssimo Sacramento.

Antes do «Tantum ergo», o

Rev. celebrante da Missa, que foi quem oficiou, deu com a Sagrada Custódia a bênção individual aos doentes que se achavam presentes e que eram em pequeno número. Entoada a oração final, deu a bênção geral à multidão dos

fiéis ajoelhados no chão pedregoso da esplanada.

Recolhido o Santíssimo Sacramento à Capela das confissões e encerrado no Sacrário, realizou-se a segunda procissão com

(Continua na 4.ª pág.)



Palavras mansas

PIO XI

Um dia, numa catedral do Norte, o grande artista espanhol Mariano Benlliure chamou a minha atenção para a toada dos sinos que, dentro das naves, era mais grave, religioso e inspirativa do que exteriormente, no alto da torre, ao ar livre. Parecia uma extensão das vozes antigas do órgão, que marulhava harmoniosamente entre as colunas, os muros e as abóbadas.

Lembrei-me desta observação do grande escultor Benlliure ao ouvir o dóbre dos sinos pela morte do Santo Padre Pio XI. Dentro da Sé era singularmente grave, triste e lamentoso, como se fosse já desdobrando por toda a parte os crepes e os salmos das exéquias...

Lá fora, falava impressionantemente e em nome de verdades eternas à vida agitada e ruídos da cidade. Havia até, nas ruas mais próximas, muita gente que, para ouvir melhor, se detinha, esquecida momentaneamente dos seus interesses, das suas preocupações, dos seus negócios.

A imprensa, servida pelos mais modernos meios de informação, deu a triste nova ao seu público com mais ou menos palavras de respeito, veneração e pesar. Mas anunciar a morte do Papa é sobretudo da competência dos sinos, que são, no dizer de Veuillot, a telegrafia da Igreja.

Afirma uma lenda gauleza, que pela Páscoa todos os sinos da França vão a Roma. Quando morre o Papa, pelo contrário, parece que todos os sinos de Roma vão pelo mundo fora a dizê-lo lamentosamente ao povo fiel e bom.

Estive há pouco com alguém que foi recebido por Pio XI no dia 25 do passado mês de Janeiro. O Papa estava sentado junto duma mesa, em que tinha alguns papéis, todo vestido de branco, como convém ao Vigário d'Aquela que é paz, a nossa paz. Falou sempre muito despreocupado e calmo, pelo menos aparentemente. Falou também de Portugal.

Notava-se apenas no aspecto do Papa um emmagrecimento maior e uma coloração livremente sangüinea nas veias mais salientes.

Tenho aqui uma pequena estampa da Santa Face, que veio assim da sua mão paternal, beijada por tantos mesmo já depois de fria e morta, e que agora parece estender-se para nós a pedir orações e sufrágios piedosos. A história é que não precisa de pedir nada, se ela puder ser íntegra e justa...

Lá nos diz o Evangelho: — estai vigilantes!

O rondar da morte, mesmo já de muito perto, é tão impreciso e vago, que pode facilmente passar despercebido. Na espaço de breves dias, quasi no espaço duma manhã, o mesmo Papa recebe paternalmente os seus filhos e presta contas a Deus!

Com um sentido muito vivo do seu poder e das suas responsabilidades, Pio XI queria ser prontamente obedecido. É que esta obediência fortalecia por toda a parte a sua autoridade, aparentemente inerte. Mas no trato íntimo mostrava sempre uma espontânea e encantadora bondade.

Disse um dia a um dos mais ilustres Bispos portugueses que ia promovê-lo a uma Sé preclara e gloriosa, onde a imaginação de Tomás Ribeiro descobriu um sino de ouro, que se ouvia por todo o Oriente a cantar a fé e o império... O Prelado procurou sinceramente escusar-se, alegando a idade, os achaques, em que ela, quando muito avançada, é sempre pródiga, e até a falta de memória. O sol do Oriente, curtido por muitos anos, queima e estiola quasi tudo.

Mas o Papa, que conhecia profundamente os homens, por mais que eles procurassem velar-se e diminuir-se, insistiu: — Idade também eu tenho, e governo a Igreja. Os achaques são de nós todos. Quanto à memória, a-pesar-de lhe sentir cada vez mais a fraqueza, dizem por aí que a minha é ainda fiel e boa. Sabe porquê? Por isto, — e o Papa mostrava ao Prelado um pequeno livro de apontamentos que tirou rapidamente do bolso. — A minha memória está aqui.

Sem mais hesitações, o Prelado aceitou, obedeceu e o Papa notou mais uma vez que ele merecia realmente a promoção.

Da piedade fervorosa de Pio XI ficou em Lourdes um testemunho indelével, quando ele lá foi como cardinal arcebispo de Milão na presidência duma grande peregrinação italiana.

Na procissão, ao dar lentamente a bênção do Santíssimo Sacramento a cada um dos doentes, chorava diante daquela fé suplicante e daquela resignação comovedora...

Estou em dizer que essas lágrimas foram também levadas em conta na sua eleição para o sumo pontificado.

A morte de Pio XI foi singularmente apressada. A imprensa mal teve tempo de informar o mundo da evolução da doença.

Figura-se que o grande Pontífice tinha pedido a Deus a graça de morrer assim — em pleno trabalho, em plena luta, a defender intrêpidamente aquela verdade eterna, aquêle depósito inviolável que deve estar na base da paz de Cristo no reino de Cristo.

Até ao fim, demonstrou a todos, e por uma forma eloquentíssima, que nos dias incertos e conturbados que passam, só a Igreja pode garantir a paz e a salvação do mundo.

Que viva na luz de Deus a sua alma!

Correia Pinto



SUA SANTIDADE PIO XII

O novo Papa, que tomou o nome de Pio XII, Cardinal Eugénio Pacelli, foi eleito em 2 de março, dia do seu aniversário natalício, ao terceiro escrutínio do Conclave. A sua divisa, inscrita nas armas cardinalícias era: «Opus Justitiæ Pax», com uma pomba de prata em escudo azul segurando no bico um ramo de oliveira e tendo por «chefe» o arco-íris

O "menino bonito," e o jovem apóstolo

— Mãe Mila...
— Que é?
Bastara o tom de voz do jovem, que entrava um pouco agudado, para que a sr.^a Emilia largasse o abano e se voltasse assustada. E, como na sua frente o belo rapaz, envergando com natural distinção a farda da *Mocidade Portuguesa*, estacionasse calado, tirou do fogareiro o cozinhado que estrugiu, colocou-o ao lado, na chaminé, e, cruzando os braços, perguntou:
— Então temos agora cerimónias com a mãe Mila?
Havia já dez anos, desde que morrera a proprietária do prédio de que a sr.^a Emilia das Neves, viúva com três filhos, ocupava metade da cave, que Frederico, o filho da falecida, que nela tinha encontrado mais carinho que em nenhum membro da sua fidalga e abastada família, se habituara a chamar-lhe «mãe Mila». E era na verdade com olhar de mãe, cheia de afecto mas pronta a censurar desassombradamente qualquer travessura, que ela perscrutava o rosto fino, agora muito pálido.
— Mãe Mila... já quando aqui vim esta manhã...
— Sim... tu tinhas já qualquer coisa...
— Mãe Mila... desculpa... mas eu... entendo que devo avisar-te... O Adriano...
— Dize! ordenou com voz surda aquela mulher do povo cuja excelência de coração autorizava a tratar por tu o nobre moço e a ser por ele tratada do mesmo modo. O seu rosto era agora o mais pálido.
E Frederico, contrangido pela dor que causava e que queria ter podido evitar à custa de todo o sacrifício, pôs-se a informá-la do proceder misterioso, nos últimos tempos, do filho mais velho, seu companheiro dilecto, condiscipulo no liceu, que o evitava agora e mesmo recusava acompanhá-lo.
— Obrigada, murmurou por fim a sr.^a Emilia. *Fizeste o teu dever avisando-me. Assim eu tivesse sabido — e saiba agora — fazer o meu.*
No primeiro andar do prédio renhina uma campainha, sinal conccionado entre as criadas e Frederico para lhe fazer saber que o jantar ia ser servido. Depois de beijar ternamente o rosto humedecido da boaz «mãe Mila», o rapaz enfiou para o saguão e galgou a dois e dois a escada de serviço.
...
— Mãe Mila...
A doente abriu os olhos nos quais brilhou uma centelha de ternura, talvez de alegria, mas logo os fechou sucumbida. Tão saudável, tão corajosa até então no infortúnio, a sr.^a Emilia naquela noite em que Frederico lhe comunicara os seus receios pelo filho, que ela esperara debalde até ao amanhecer, parecia ter envelhecido vinte anos. Quando os dois mais novos despertaram, viram a mãe caída junto da janela, sem sentidos, e durante três semanas tiveram-na entre a vida e a morte.
No meio dos tormentos da doença a pobre mulher sentia bem agudo o espinho do remorso pelo modo como criara o seu Adriano, o seu «menino bonito», pelos mimos que não dava aos outros filhos e mais ainda pela liberdade que lhe dera, causa sem dúvida de, arrastado por más companhias, abandonar — aos dezasseis anos — a modesta mas honrada casa paterna. A presença de Frederico, tão freqüente e demorada quanto possível, à cabeceira da doente era o seu maior conforto.
— Nada?... interrogava de cada vez o olhar da «mãe Mila».
— Sim, graças a Deus, responde hoje o bondoso jovem. *A nossa J. E. C., posta em campo, havia de acabar por encontrá-lo e, graças a Deus, encontrou-o.*
— Vivo?...
— Sim... mas doente... sossega... sem gravidade. Mas não pode vir por ora...
Intimamente, Frederico, que odiava a mentira, referia-se ao es-

tado de alma de Adriano pois não tinha coragem de dizer que só o estar preso o impedira de o trazer imediatamente nos braços da mãe.
— Quero ir vê-lo!... *Deixem-me levantar!...* suplicava a doente exaltada.
— Escuto, mãe Mila... hoje não posso prometer... mas amanhã... o mais tardar... logo que seja possível... hei-de trazer-te!
— Obrigada, filho... Então vai...
Frederico saiu apressadamente, mas na rua deteve-se pensativo. E os transeuntes reparavam todos naquêlo esbelto rapaz em quem a farda da M. P. assentava tão bem e cuja fisionomia, denotando profunda reflexão, fazia lembrar a de um jovem comandante concentrado em audaz plano de batalha.
...
— Mãe Mila... aqui o tens!
Abraçados, os dois rapazes entravam no quarto, Adriano, envergonhado mas resolute, firme nos seus propósitos de emenda; Frederico, radiante, sentindo-se bem compensado de todos os seus esforços, passadas e trabalhos: a entrada pela primeira vez numa prisão, ainda que acompanhado de um sacerdote, a entrevista depois com o director da mesma; a dificuldade em obter do pai, que todavia lhe dava sempre à larga para passiosos, divertimentos e até extravagâncias, a quantia necessária para afiançar o condiscipulo.
— Perdão... minha mãe... perdão, soluçava Adriano, caindo de joelhos junto do leito.
— Meu filho... meu Adriano...
Mas o coração daquela mãe que reconhecia a culpa da sua fraqueza, a consequência funesta dos seus extremos, dizia também no seu palpitante agitado:
— Perdão... perdão...
M. de F.

Acção Médica

Acaba de sair o fascículo de janeiro do ano corrente desta revista, órgão da Associação dos médicos católicos portugueses, que insere valiosa colaboração.
O dr. Sousa Gomes, descreve a importância social da medicina militar. Milhares de homens saem todos os anos dos quartéis e são entregues aos seus lares sem que se saiba ao certo em que estado de saúde vão. Deveria haver entre os serviços de saúde militar e os serviços de saúde civil uma estreita colaboração. Importa tudo isto à saúde das populações e à defesa da Pátria que necessita ter uma grande reserva de homens sãos.
O dr. J. Paiva Boléo, estuda o método de Ogino-Knaus, isto é, a esterilidade fisiológica periódica da mulher, problema actual que é estudado segundo os mais modernos autores.
O dr. Fernando Correia, na sequência de outros artigos já publicados, fala-nos da assistência na Idade Média, a que chama a *Idade de ouro da assistência cristã*. Os grandes estabelecimentos de caridade e as iniciativas mais ousadas são relatadas com minúcia. A tão caluniada Idade Média sai vitoriosa deste estudo. Podia até concluir-se que afinal em relação ao nosso tempo a assistência pública era mais perfeita na Idade Média do que nos nossos dias.
O dr. Pereira Marques num longo artigo trata da *Assistência médica rural*. Artigo que devia ser lido por todos os médicos e especialmente por quem tem a responsabilidade do descalabro da assistência médica rural no nosso País. Há ali páginas vibrantes, onde perpassa uma fina ironia. Mas há factos, muitos factos que fazem pensar.
Das secções *Notícias e Publicações recebidas, Vida associativa e Notas* destacamos o circunstanciado relato da comemoração do dia de S. Lucas, cuja Missa foi celebrada por Sua Eminência o Senhor Car-

D. Teresa Saldanha

Por Moss

Não é só às eras longínquas do passado que podemos ir buscar belas figuras femininas capazes de nos deslumbrarem com as suas altas virtudes, figuras cuja acção bemfazeja e irradiante se não exerce apenas num limitado espaço de tempo mas se prolonga e perdura através das obras que deixaram.
É o caso de D. Teresa Saldanha, a Fundadora da Ordem Terceira das Dominicanas Portuguesas, que acabamos de conhecer através das belas páginas dum livro encantador que o sr. Arcebispo de Ossirincó acaba de publicar.
Faz bem ler e considerar uma vida como esta; fortifica e estimula reflectir e meditar no zelo de apostolado em que se consumiram almas privilegiadas ou antes almas generosas que nada quiseram recusar ao Senhor, almas inflamadas na verdadeira caridade que passaram os seus dias na terra a amar a Deus e a dedicar-se ao próximo.
Entre muitas e salutares lições que naturalmente se desprendem da vida desta alma tão abnegada e heroica, há uma que eu desejo especialmente focar neste momento pela oportunidade que oferece: o zelo de apostolado junto das crianças e das classes pobres.
Fidalga de nascimento, pois era filha dos nobres condes de Rio Maior, vivendo no seio da melhor sociedade, a sua vida de rapariga não se estiola nem se esvai em egoísmos nem frivolidades que tanto costumam esterilizar e inutilizar a vida de muitas raparigas ricas.
A aristocracia do seu sangue não a afasta desdenhosamente, como a tantas, daqueles que não nasceram em berços dourados, daqueles a quem a fortuna não bafejou. Pelo contrário, conhecendo e vivendo em seu coração os ensinamentos do Mestre, são as crianças pobrezinhas e desamparadas, são as raparigas humildes e desprotegidas das fábricas o objecto dos seus cuidados e carinhos.
As suas qualidades e dotes naturais de nascimento, de cultura e de prestígio, tudo ela põe ao serviço da caridade que abraça o seu coração. As próprias festas e reuniões da sociedade que para muitas são apenas uma distração ou uma ocasião de brilhar e de chamarem sobre si as atenções e homenagens dos que as rodeiam, para Teresa eram ainda um meio de angariar influência e donativos para favorecer e proteger os seus irmãos pobrezinhos.
Num tempo em que a Acção Católica não estava ainda organizada, ela foi já uma precursora da A. C., foi uma verdadeira militante na sua actividade de rapariga, no seu zelo infatigável pelas almas-

Voz da Fátima

Despesa	
Transporte	1.753.613\$97
Franquias, emb. transportes, do n.º 197 ...	4.934\$30
Papel, comp. e imp. do n.º 197 (369.736 ex.)	16.919\$56
Na administração ...	152\$00
Total	1.775.619\$83

Donativos desde 15\$00

António Correia — América, 1 dólar; José Pacheco — América, 1 dólar; Francisco Santos — América, 1 dólar; Jacinto Fernandes — América, 1 dólar; João Frade — América, 1 dólar; Maria Isabel — América, 1 dólar; Maria Rezende — América, 1 dólar; Hermínia Salgado — América, 1 dólar; Júlia Costa — América, 1 dólar; Manuel Oliveira — América, 1 dólar; César Miranda — América, 1 dólar; Norberto de Sá — América, 1 dólar; António Rocha — América, 1 dólar; Carolina Rego — América, 1 dólar; João Madruga — América, 1 dólar; António Costa — América, 1 dólar; João Pereira — América, 1 dólar; José Martins — América, 1 dólar; A. A. M. — 20\$00; N.º 6910 — América, 1 dólar; Maria Silveira — América, 1 dólar; Augusto Rod. Coelho — Pernes, 25\$00; João Rod. Coelho — Lisboa, 25\$00; António F. Canada — Açores, 20\$00; Lucinda Magriço — Alvareiros, 15\$00; José Paimhas — Outeiro, 20\$00; João de Oliveira Melo — Açores, 20\$00; Joaquim Borges — Açores, 20\$00; Carolina Chaves — Brasil, 20\$00; Conceição Marques — Campanhã, 15\$00; Angelina Cabral — Vila Real, 20\$00; Gertrudes Pinto — Estoril, 20\$00; M.ª Angelina Alves — Lisboa, 20\$00; Frank Bettencourt — Califórnia, 23\$55; Ana da Costa — Pôrto, 15\$00; M.ª Leonor Magalhães — Viana do Castelo, 20\$00; Rita Malato — Fortaleza, 15\$00; M.ª Saturnina Meireles — Figueira da Foz, 20\$00; Marquês de Rio Maior 100\$00; Pousada de N.ª S.ª da Fátima — Fátima, 100\$; M.ª Isabel Russo — Cab. de Vide, 26\$00; Luísa de Albuquerque — Lisboa, 20\$00; Manuel Ferreira — Transwal, 18\$50; A. L. Freitas — Califórnia, 20\$00; Laura Mendes — Califórnia, 17\$15.

Aos Ex. mos Assinantes

Pede-se o favor de não enviarem os seus pagamentos ou esmolas em estampilhas dentro de envelopes, porque, por vezes, estragam-se com a humidade própria do tempo de inverno. Era melhor enviarem as suas quantias em vale de correio PÁGAVEL NA COVA DA ÍRIA.

Como todos sabem, os preços da assinatura são os seguintes:

Portugal e Ilhas ...	10\$09
Colónias Portuguesas	12\$50
Estrangeiro	15\$00

Imagens, estampas e todos os artigos religiosos: há sempre grande variedade na «União Gráfica».



O vinho do Pôrto encerra vida, porque tem vivas energias concentradas. Tomar «pôrto» é ganhar forças para as lutas da existência.

«pôrto» é deliciosa e energética bebida que, não sendo tomada em excesso, desperta a memória, aviva a inteligência, distrai o espirito.

O Recreio

Em França: Está a construir-se uma estátua, a mais alta Virgem do Mundo, a Nossa Senhora do S. Coração, em França. Foi delineada por Georges Ferraz e terá para cima de cem pés de altura. Só a cabeça da gigantesca estátua, medirá 10 pés; o peso total do monumento será de 1.500 toneladas. Serão empregadas 35 toneladas de cimento e de aço para a sua construção e erecção.
Na América: Foi nomeada advogada do Estado, junto do Supremo Tribunal de Justiça, uma religiosa dominicana.
E, neste género, o único caso conhecido.
Esta irmã, que se chama Ana Joaquina, passa na América por uma sumida e em Direito internacional.
Na Eslováquia: O Presidente do Ministério da Eslováquia, agora autónoma, é um padre católico, Mgr. Tisso.
Fácilmente se pode esperar que o país tão duramente atingido na sua integridade, obtenha agora unidade nacional, e se oriente por melhores princípios, obtendo também melhores frutos.
O Comunismo e a Igreja. Os comunistas e os seus amigos não mentem quando afirmam que, em boa verdade, o seu maior inimigo, o único para temer, é a Igreja Católica Romana.
Um exemplo...: O Presidente da Comissão dos Negócios Estrangeiros da Câmara Americana, Hamilton Fish, declarou num importante discurso na mesma Câmara que «a Igreja Católica se deve a falência do Comunismo nos Estados Unidos». «O Catolicismo», afirmou ainda, *fez mais neste sentido do que qualquer outra organização do Estado. Os católicos sabem melhor do que ninguém que entre a doutrina da sua religião e a do comunismo, não pode nunca haver acôrdo.*
Os que se dizem católicos e pensam o contrário, enganam-se e serão tudo o que quiserem, menos católicos.
Outros exemplos se poderiam apontar. Mas... todos os conhecem. Há aliás os que combatem o Comunismo e se intitulam vencedores... mesmo sem o auxílio da Igreja. Também se enganam! Combatem o comunismo alheio e implantam o seu, e é tudo!
M. das F.

Sentia-se tão fraca que não podia com a lida caseira

Estava a ser envenenada pela prisão de ventre

Durante muitos anos, certa mulher de Ilhavo, sofreu de uma terrível prisão de ventre. Escreve-nos a dizer que, tão pertinaz era este seu mal que nenhum remédio lhe conseguia dar alívios. Todo o seu organismo estava sendo envenenado. Não conseguia dormir e sentia-se tão debilitada que lhe era impossível fazer a sua lida caseira. Começou a tomar Kruschen e, pouco tempo depois, sentia-se bastante melhor do seu estado geral. Já consegue dormir melhor — a prisão de ventre já se não faz sentir — e o seu trabalho parece-lhe fácil. Agradece a Kruschen os grandes benefícios que lhe fez.
Kruschen é a receita que a natureza impõe para manter a limpeza interna. Kruschen estimula os órgãos de uma maneira suave a cumprirem com a sua missão. Desta forma o seu interior conserva-se limpo das impurezas, cuja acumulação intoxica o organismo.
Os Sais Kruschen vendem-se em todas as farmácias.

Ler os NOVIDADES é andar o par do que se passa pelo mundo, da evolução do pensamento, das activida-

GRAÇAS DE NOSSA SENHORA DA FATIMA

NO CONTINENTE

D. Maria Henriqueta M. P. Osório de Castro — Pôrto, pede a publicação do seguinte: — «Cheia de reconhecimento e gratidão para com a Santíssima Virgem, venho, para sua glória e cumprimento da minha promessa, pedir para publicar na «Voz da Fátima» a grande graça que Nossa Senhora me concedeu. Tendo estado de parto, há quatro anos, passados 8 dias, veio-me uma infecção num ovário e sobre esta sobreveio-me uma flebite que me deixou entre a vida e a morte. Já a pé, tinha crises horríveis na perna afectada. Os médicos que me tratavam, diziam-me que eu não podia mais conceber sem gravíssimo perigo de vida!

Logo que se me ofereceu ocasião fui à Fátima, mas com tantas dores e inchação na perna, que julguei não chegar ao meu destino. Cheguei a Coimbra tão mal que já pedia à Mãe do Céu que me deixasse sequer vir morrer a minha casa!

Depois de uns momentos de descanso, enchi-me de grande coragem e resignação e continuei a viagem. Cheguei a Fátima muito pior. Com muito sacrifício mas não menor fé, assisti à preciosa das velas, amparada por meu marido. No outro dia, oh! poder divino! eu era repentinamente curada à passagem do Santíssimo Sacramento, na bênção aos doentes! Regressei completamente bem, graças à Mãe do Céu! Nesse mesmo mês de Outubro tinha eu concebido novamente ficando muito recessa do que me poderia vir a suceder no parto. Por isso não deixei de recorrer a Nossa Senhora pedindo-lhe me valesse. Chegada a hora de, pela sexta vez ser mãe, com tanta felicidade o fui, que de todos os partos foi o mais feliz que eu tive, graças a N.ª Senhora!

Muitas graças dou, pois, ao meu Deus que foi o meu verdadeiro Médico, e a Sua Santíssima Mãe que tanto me amparou ajudando-me a ter fé, coragem e resignação, e por fim, alcançando-me a saúde».

D. Maria da Glória Fialho Ferro — Montemor-o-Novo, tendo alcançado uma graça importante por intermédio de N.ª Senhora da Fátima, vem publicar a sua gratidão por tal favor concedido.

De Gouveia, foi dirigida à «Voz da Fátima» a carta seguinte: — «Ema de Sousa Jerónimo, agradece a Nossa Senhora da Fátima uma graça que lhe concedeu com a promessa de a tornar pública no seu jornalzinho».

Francisco Duarte Henriques — S. Pedro de Alva, vem agradecer a Nossa Senhora da Fátima a cura de um seu filho gravemente enfermo e a quem os médicos já não esperavam salvar. Invocada em seu auxílio a protecção de Nossa Senhora da Fátima, a quem foram feitas algumas promessas, as melhoras começaram a manifestar-se com grande admiração dos médicos e alegria de toda a família.

Joaquim de Andrade — Lisboa, deseja manifestar aqui o seu reconhecimento a N.ª Senhora da Fátima pela concessão de diversas graças com que diz ter sido favorecido durante a sua vida.

Elias Arca — Lisboa, diz: — «Tendo um tumor na bexiga, tumor que a ciência parecia não ser já capaz de debelar, minha mulher, vendo-me tão aflito, recorreu à protecção de Nossa Senhora da Fátima, e, encontrando-me quasi restabelecido, venho com ela e mais família agradecer a Nossa Senhora a grande graça que me dispensou alcançando-me a cura tão necessária e desejada».

Pelo Rev.º Sr. P.º António Rodri-

gues Xavier — Campo de Bêsteiros, foram enviados a esta Redacção os seguintes dizeres: — «Em 22 de Junho de 1935, Joaquim Rodrigues Lufinha, de Barrô, freguesia de S. Tiago de Bêsteiros, esteve quasi asfixiado com tumores na faringe. Seu médico, dr. Carlos Braga Real, dissera-lhe: — «sem demora siga para Coimbra onde será operado». Entretanto applico-lhe esta pomada.

O doente veio a casa a prevenir-se para a viagem e conta à família o que o médico lhe dissera. Esta, sem demora, faz suas promessas ao Sagrado Coração de Jesus e a Nossa Senhora da Fátima, prometendo publicar na «Voz da Fátima» esta graça se a operação viesse a ser desnecessária. No dia 23 de manhã, mal podia articular alguma palavra. O doente segue seu destino em direcção a Coimbra, entra em casa do seu médico que, depois de o examinar, lhe diz radiante: — «Já não precisa operação, volte para sua casa!» Ao cabo de poucos dias estava bem. Sua família muito grata a Jesus e a Maria, vem cumprir o seu voto, pedindo esta publicação na «Voz da Fátima».

D. Teresa de Jesus de Oliveira — Benafim Pequeno, vem agradecer a Nossa Senhora da Fátima o ter-lhe alcançado a possibilidade de ouvir, consolação que já não sentia há

tempo, com grande desgosto para si própria e para a demais família.

D. Ermelinda Pinto Machado — Matozinhos, agradece a N.ª Senhora os favores dispensados a uma pessoa querida de família numa grave enfermidade.

D. Maria Emilia Póvoas e Silva — Mangualde, diz: — «Venho pedir-lhe, Senhor Director da «Voz da Fátima» para, no seu conceituado jornal, fazer saber a todos os seus leitores, a graça que Nossa Senhora fez em minha casa. Nos primeiros dias de Março, apareceu à minha cosinheira, na mão esquerda, uma grande inchação com um péssimo carácter. Foi ao médico, dr. Francisco Pereira, que achou o seu caso bem melindroso pois julgou que a mão lhe teria de ser amputada. Fiquel raladíssima e com pena da pobre criada. Com ela e outra criada, comeci uma novena de Ave-Marias, lavando também a ferida com a água do Santuário. As melhoras começaram logo a sentir-se a ponto tal que, logo na primeira noite da novena, a pobre criatura já conseguiu dormir. Pela manhã volta ao médico que fica pasmado com as melhoras encontradas. Continuámos a novena e as melhoras continuaram também.

A cosinheira tem uma grande ci-

atriz na mão, mas sem o mais leve incómodo ou prisão de nervos! Bem-dita seja a nossa querida Mãe do Céu, Rainha de Portugal e nossa grande e poderosa protectora!»

D. Joaquina Pereira Seixas — Carregado — Guizandaria, diz ter recebido uma graça por intercessão de Nossa Senhora da Fátima, a quem vem testemunhar o seu público agradecimento por tal favor, bem como por outro concedido a um seu sobrinho gravemente doente.

Júlio Pinto Ferreira — Caria, diz: — «Havia já alguns anos que eu sofria de hérnia. No dia 6 de Agosto houve o estrangulamento e eu tive de entrar no hospital onde fui operado, havendo poucas esperanças de me salvarem, devido à inflamação intestinal que já estava muito adiantada. Eu, porém, logo de principio chamei a nossa boa Mãe do Céu para que fosse a minha protectora em tão grande aflicção, prometendo-lhe publicar a graça da minha cura na «Voz da Fátima», se a obtivesse e enviar-lhe uma oferta. Não foi em vão que a Mãe recorri, e hoje, completamente restabelecido venho cumprir as promessas que fizera a tão boa e poderosa Mãe».

António Soares — Pôrto, havia já

6 meses, diz, que quasi não era capaz de ouvir coisa alguma. Com o uso da água do Santuário, applicada sobre os ouvidos, conseguiu recommear a ouvir, favor este que hoje aqui vem publicamente agradecer.

D. Rosa de Jesus Seguro — Cavadoze — Guarda, diz: — «Rogamos se digne tornar público que Rosa de Jesus Seguro e sua filha, residente em Cavadoze, agradecem penhoradíssimas a Nossa Senhora da Fátima o tê-las atendido nos seus pedidos confiados à sua bondosa protecção».

D. Maria de Jesus — Ragueço do Fetal, vem por este meio agradecer a Nossa Senhora da Fátima diversas graças que por sua intercessão alcançou e que prometera publicar na «Voz da Fátima».

G. M. Gonçalves — Guimarães, deseja aqui agradecer a Nossa Senhora da Fátima o tê-lo aliviado de um sofrimento grave que muito o atormentava.

D. Josefina Manso Preto P.º de Mele — Montemor-o-Velho, cheia de reconhecimento para com a Santíssima Virgem agradece a graça que por sua intercessão alcançou, curando-a de uma peritina dor numa perna, tendo feito a promessa de publicar esta graça na «Voz da Fátima».

D. Alcina Monteiro — Pôrto, muito reconhecida agradece a Nossa Senhora da Fátima uma graça de ordem espiritual concedida a seu marido.

D. Juliana Florentina Tosa — Peniche, muito sensibilizada por um favor recebido por intercessão de Nossa Senhora da Fátima, vem agradecer a concessão de tal favor particular que com grande interesse pedira.

NA MADEIRA

D. Maria Adelaide J. da Silva — Funchal, diz: — «É favor publicar no jornal «Voz da Fátima» a minha muita gratidão à Virgem Nossa Senhora da Fátima pelas muitas graças espirituais e temporais que tenho alcançado por sua tão valiosa intercessão».

D. Adelaide de Freitas — Câmara de Lobos, vem por este meio agradecer uma cura alcançada por intermédio de N.ª Senhora da Fátima e que prometera publicar na «Voz da Fátima».

NA INDIA

Pelo Rev.º sr. P.º A. Gonçalves, da missão portuguesa de Singapura, foi pedida a publicação do agradecimento a Nossa Senhora da Fátima pela cura da «diabetes» em favor de Mrs. W. Hocquard, gravemente doente com tal enfermidade, e que, reconhecida a Nossa Senhora pela cura obtida, o encarregado de pedir a publicação do seu sincero agradecimento.

EM SINGAPURA

Eu sofria de uma constipação havia quasi dois meses consecutivos, e experimentei todas as espécies de remédios, sem proveito; por isso, como último remédio, pus algumas gotas de água da Fátima no nariz e vi que em dois dias estava inteiramente curada.

Em outra ocasião uma dor de ouvidos deu-me muito que sofrer e fui tratada pelo médico que me disse que podia perder o uso do ouvido se a dor continuasse. Pus de novo uma gota de água da Fátima no ouvido, visto me lembrar da intercessão de N.ª S.ª noutras ocasiões, e fiquei consolada quando me vi de novo curada; e a dor nunca mais voltou.

H. A.
Esta esmola é para dizer uma missa em acção de graças em honra de N.ª S.ª da Fátima por me ter curado de uma erupção muito dolorosa da qual sofri durante anos. Fazer favor de a publicar.

G. A.

O culto de Nossa Senhora da Fátima no estrangeiro

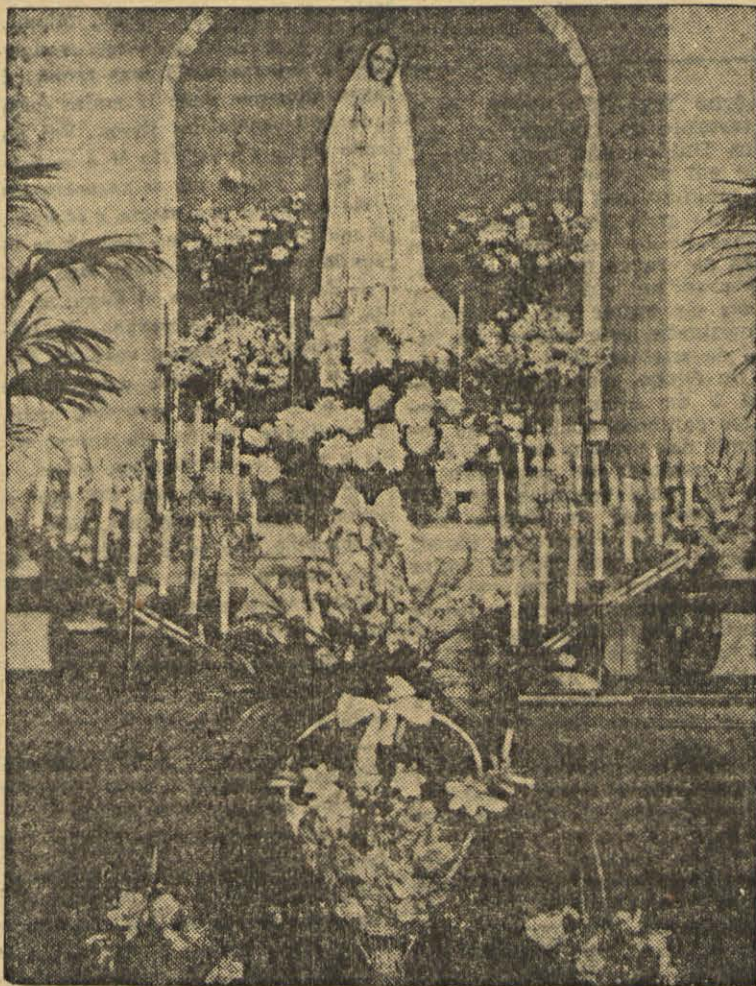
NA AMÉRICA

Não é novidade para os 370.000 leitores da «Voz da Fátima» que o culto de Nossa Senhora da Fátima tem tido o maior desenvolvimento na América do Norte, entre o meio milhão de portugueses e filhos de portugueses que trabalham nos Estados Unidos.

Nem outra coisa era de esperar. Os portugueses da América do Norte, pela acção dos seus padres, pela irradiação das suas igrejas portuguesas, continuam intimamente unidos a Portugal.

A geração que já nasceu na Amé-

rica já não fala bem o português, porque o nosso governo ainda não se resolveu a dar-lhe escolas nossas, como fazem os governos das outras nacionalidades. Mas, apesar disso, guardam o amor à terra de seus pais, e, na maloria, o seu procedimento sincroniza-se com as virtudes ancestrais da nossa raça. As nossas paróquias portuguesas da América do Norte são modelos de organização e de vida religiosa. As catequeses, não estão anquilosadas nos velhos métodos das fórmulas esteriotipadas que as crianças decoram sem geralmente nada entenderem e que, depois, na crise da adolescência



Altar de Nossa Senhora da Fátima da Igreja Portuguesa de New-port R. I. América do Norte

são insuficientes para as defender e conservar no caminho do bem. O apostolado da oração, une as almas numa prece ardente em união com o Coração de Cristo sacerdote. No ritmo dessa vida religiosa, era lógico que o culto da Nossa Mãe celeste ocupasse o seu lugar de honra, como sempre lho tributou a raça lusitana. Das grandes cidades como Boston às pequeninas terras campestres como Somerset, nos arredores de Fall-River, Nossa Senhora da Fátima é o íman da piedade portuguesa; e a muitos sacerdotes portugueses ouvimos, quando por lá andámos, as transformações realizadas sob as suas bênçãos maternais.

Ainda há pouco, a linda Igreja do Bom Jesus em New-Port, no pequenino Estado de Rodhe Island, inaugurava com grande brilho o culto de Nossa Senhora da Fátima. Tríduo de pregação preparava o povo para a garbosa homenagem, afirmação vibrante de piedade eucarística e de devoção à Virgem. E a formosa imagem que de Portugal fóra, lá perpassou entre o povo português, unindo-o ainda mais às tradições cristianíssimas da Pátria Mãe. Bem haja o querido amigo Padre F. J. Gomes, pelo que tem feito em prol da Fátima no centro marítimo de Rodhe Island.

Se é certo que a onda do neopaganismo é vastíssima na grande América, não é menos certo que o recrudescimento da Vida Cristã é penhor duma era de intensa e luminosa Santidade nessa admirável Nação.

EM MACAU

Vai em continuo progresso a Missão de Nossa Senhora da Fátima em Macau.

No dia 18 de Dezembro passado realizou-se ali uma linda festa.

Visitou-a S. Ex.ª Rev.ª o Senhor Bispo de Macau que celebrou a Santa Missa na capelinha da Missão, distribuiu a primeira comunhão a 23 crianças e crismou cerca de 40 pessoas da missão.

O Senhor Bispo deveras impressionado pelo bem espiritual que a Missão da Fátima está a fazer naquele meio, agradeceu a valiosa cooperação prestada aos missionários e exortou os cristãos a serem apóstolos de tantos milhares de gentios que ali vivem.

Acabada a festa religiosa vieram então cumprimentar o Senhor Bispo com cânticos em chinês e discursos sem esquecer o tradicional estalejar dos panchões. O Senhor Bispo deu terços e medalhas como recordação aos neo-comungantes e confirmados e pôs-se fim à festa com um chá.

Crónica Financeira

A Peregrinação de Fevereiro 13

Quem era o Papa?

A Obra de Pio XI

Diz-se que Isabel a Católica, ao receber a notícia da morte do nosso rei Dom João II, exclamara: **Morreu o homem**, mostrando assim que tinha o Príncipe Perfeito na conta do espírito mais varonil da sua época. O célebre dito da mais notável de todas as rainhas de Espanha, acudiu-nos à memória quando os placards nos anunciaram a inesperada morte de Sua Santidade Pio XI, porque também ele foi o espírito mais viril dos nossos dias. Quis a Providência Divina que Sua Santidade Pio XI governasse o Mundo Católico no preciso momento histórico em que haviam de surgir a governar os povos, gigantes personalidades que procurariam arrancar à Igreja de Deus o governo das almas. Pio XI não receu bater-se com os gigantes em defesa do seu Rebanho. Os acordos de Latrão foram a sua primeira vitória, mas não o última, nem porventura a maior. Os homens esclarecidos do mundo culto não tardaram em ver que o Papa se estava batendo não só pela Igreja de Deus, mas pela dignidade da pessoa humana. As violências contra a liberdade da consciência, as perseguições motivadas por ódios de raças, as doutrinas abstrusas e odiosas que surgiam e logo se traduziam em leis tiránicas, o desprezo declarado da justiça e as violências constantes e sistemáticas contra os direitos dos indivíduos e dos povos, nasciam da mesma fonte venenosa, da mesma ideologia, que impelia os tiranos a arrancarem à Igreja o domínio das almas. O Papa, nas suas lutas titánicas com os governos e doutrinas totalitárias, estava defendendo não apenas os direitos da Igreja, mas igualmente os direitos e as liberdades mais sagradas da consciência humana.

E a surpresa foi grande para mui-

Pacheco de Amorim

Morreu o grande Papa Pio XI

Morreu o Papal, foi a notícia trágica que velozmente percorreu e sobressaltou o mundo, na manhã do triste dia 16 de fevereiro. Morreu Pio XI!

Foi um grande Papa! — dizem todos por aí e é verdade.

Grande para a Igreja, a quem, do alto da Cadeira de S. Pedro, serviu como o mais dedicado dos apóstolos, trabalhando sempre até à véspera da própria morte. O que fez em favor da Acção Católica, de quem ele disse que tocar nela era tocar no próprio Papa — e em favor das Missões que à sua sombra e protecção tanto alargaram os domínios espirituais da S. Igreja em terra de infiéis, bastaria para tornar imortal a obra de Pio XI. Mas a defesa inérgica e destemida que, valente soldado, sempre fez dos direitos da Igreja contra as exigências exageradas de certos governos totalitários; a vigilância constante que exerceu em volta das verdades da Fé para que não fossem vítimas do erro, a sua acção diplomática de tantas concordatas coroada pelo triunfal Acórdo de Latrão que resolvia a Questão Romana, são outros tantos títulos de glória capazes de por si sós eternizarem, na memória e gratidão dos católicos o Papa recém-falecido.

Grande para o mundo que nele teve sempre o mais acérrimo defensor das suas liberdades contra a servidão que sistemas poderosos mas avariados lhe procuravam impôr e com que o queriam escravizar. Ele foi o velho que em Roma renovou a tradição dos grandes Papas protectores da fraqueza ultrajada — dizia Herriot, velho socialista francês, e segundo afirmava um judeu categorizado de Paris, «foi o grande

apóstolo da justiça social, da paz e da fraternidade humana». «Pio XI foi num mundo paganizado e tonto o intrépido defensor da Justiça, da Verdade, do Amor e de Vida» — afirmava há dias na Assembleia Nacional o nosso Deputado Rev. dr. Abel Varzim e o presidente do Senado Francês, numa sessão daquele organismo em homenagem ao Pontífice defunto, declarava que «entre os seus títulos de glória perante Deus e a posteridade avultará o ter condenado, até ao último alento, as proscrições e violências da época actual».

Papa da Paz, a ele se deve em grande parte que o mundo não tenha resvalado para a guerra. «A Paz de Cristo no Reino de Cristo» foi o lema que, ao ser eleito para Vigário de Cristo, escolheu para o seu Pontificado que bem glorioso havia de ser. A Paz subordinou, durante a sua existência, todas as suas actividades e para que os homens pudessem continuar a gozar do benefício inefável da Paz, ainda em setembro passado ofereceu a sua vida em holocausto a Deus.

E quem sabe se o Senhor da vida e da morte, aceitando este sacrifício, querera conceder a paz ao mundo que tanto dela precisa... Pio XI foi grande na vida. Com a luz brilhante do seu génio, da sua sciência e da sua virtude fascinou a humanidade e com a sua atitude nobre e imparcial conquistou o coração de todos os homens sedentos de paz e de justiça. «Pio XI incarnava as mais nobres virtudes de bondade e caridade a par da mais elevada e corajosa compreensão das necessidades espirituais do nosso tempo» — dizia Bonet, ministro do

(Continuação da 1.ª pág.)

a Augusta Imagem de Nossa Senhora da Fátima. Como na primeira, a multidão dos féis em parte formou alas à passagem do cortejo e em parte acompanhou-o andor até à Santa Capela. Ali, colocada a Imagem sobre o pedestal exterior, debaixo do alpendre que cobre o átrio, renovou-se a consagração a Nossa Senhora e cantou-se o «Adeus».

Realizada no meio dum silêncio e recolhimento edificantes, a peregrinação do dia 13 de Fevereiro produziu no espírito de todos os que nela tomaram parte as mais doces e salutaras impressões.

Entretanto, terminada a Missa, o céu nublou-se por completo, mas os fiéis puderam felizmente regressar às suas terras, sem terem de sofrer no percurso a inclemência dum tempo agreste e chuvoso.

Visconde de Montelo

Tiragem da "Voz da Fátima", no mês de Fevereiro

Algarve	5.776
Angra	20.478
Aveiro	6.253
Beja	3.686
Braga	87.158
Bragança	14.595
Coimbra	14.025
Évora	5.335
Funchal	18.894
Guarda	23.183
Lamego	12.889
Leiria	16.221
Lisboa	11.734
Portalegre	11.231
Pôrto	56.645
Vila Real	29.618
Viscu	10.372
348.093	
Estrangeiro	3.691
Diversos	17.952
369.736	

governo francês e Hull, chefe protestante do governo dos Estados Unidos não teve dificuldade em afirmar: «As qualidades magnánimas de Pio XI e o seu zelo pela Paz e tolerância ganharam-lhe os corações de todas as raças e todas as fés». Grande na vida, foi maior depois da morte que a toda a humanidade veio encher de luto e de tristeza. Das cinco partes do Globo, mas mais da Europa e da América; das diferentes camadas sociais, mas sobretudo das pessoas de mais elevada posição; de governantes, com as mais variadas ideologias políticas; de jornais das mais diversas e opostas cores; de protestantes e judeus assim como de homens sem crença nem religião chegaram a Roma manifestações de tristeza e de dor pela morte do grande Papa que em vida foi a admiração da terra inteira. É que a alta e luminosa figura do Pontífice recém-falecido teve o condão de deslumbrar o mundo aturdido com tanta miséria, tanta injustiça e tanta cobardia.

É ainda muito cedo para se tratar sequer esboçar um retrato do imortal Chefe da Cristandade. Podemos no entanto afirmar que Pio XI há-de ficar na história como a maior figura do século XX.

Este número foi visado pela Censura

— Então hoje tão encasacado, ti Rodrigues?

Não parece um homem que já viu nevar nos píncaros das sete partidas.

— Deixa-me aqui, homem, que está um barbeirolo dum vento que parece que traz gelo apegado. Mal a gente põe pé na rua dá-nos logo cada golpe na cara que parece navalhada! E para quem vai já no segundo moio, como eu, nada mais fácil do que vir por aí a morte num ramo de ar frio...

— Ai, ai... e olha que ela nem a papas perdoa...

— Mas conta-me cá, ó Bento, que alarido é este que toda a gente fala no papa.

— Ora!... Foi o Santo Padre que morreu, pois então não sabe?

— Sei; mas morre para aí tanta gente graúda, reis, presidentes e príncipes e não se faz tanta bulha. Eu até ando surdo...

— Essa também tem graça!

— E compara vocemecê o Sumo Pontífice com esses reizitos que há por esse mundo de Cristo fóra que têm só a coroa e o trono porque deixaram roubar o reino e o mando? O Sumo Pontífice é o Vigário de Cristo cá neste mundo; faz as vezes do próprio Deus no governo dos homens.

— Pois olha, homem, nos meus setenta e cinco reivehos, já vi a morte de cinco papas e não me lembro duma coisa destas. Os jornais andam cheios de cintas negras e começam todos os títulos com letras grossas: «O Papa...» É de a gente desabelhar! Ontem à noite estava na loja do Chico a ouvir o aparelho — eu nem sei como é que lhe chamam... aquela invenção levada de breca que apanha as vozes lá em casa da fortuna — e afinal que vem de lá um padre e pega de falar sobre o papa. Falou, falou... (e ele que tinha palavras azougadas, o espertalhão!) mas tenho cá para mim que disse lá muita coisa que não consta dos livros. Vai no cabo diz o Chico: isto já é sermão de mais. Vamos ver se encontramos uma modinha que alegre o coração. Ó maldita atentação! Desandava lá aquilo para Paris, e vinha logo uma voz de lá de baixo: «o Papa...». E de Espanha, da Alemanha, da Itália sempre a mesma voz: «o Papa...» no meio duma galegada de que a gente não percebia uma. Pois digo-te, Bento, que trouxe toda a noite a cabeça numa roleta.

— O pior é que nem lhe caiu a sorte... Pois ti Rodrigues, todo esse barulho que se fez pelo mundo fóra com a morte do Papa bem mostra quanto os homens lhe devem.

— Mas então que fez ele sempre encerrado naquele casarão medonho onde dizem que vivia?

— Ora!... guardava este rebanho espalhado que somos todos nós. Parece-lhe pequeno trabalho? Foi esse o encargo que Nosso Senhor lhe deixou antes de subir ao céu. E cumpriu à altura o seu ofício. Lá isso, não restem dúvidas! Não houve necessidades nos nossos tempos a que ele não acudisse logo. Viu que muitos patrões não pagavam jornas justas aos servos e tratou logo de puxar-lhe pela Lei de Deus que

manda dar o salário a quem trabalha. Outros não cuidavam da educação dos filhos ou não cumpriam os seus deveres de pais, como muitos que a gente para aí conhece, e chamou-os à ordem. E então essas seitas de má morte dos que querem a igualdade sem trabalhar, dos fascistas, dos nazistas, apanharam bordoadas de criar bicho.

— E então eles agüentaram?

— Que remédio! Sabe, ainda se levantaram nas pernas a acenicar com os paus como fazem às vezes as cabras aos pastores. Mas, à rica cajado que S. Pedro lhe deixou: ficaram sem concerto!

— Algum demónio!

— Ele era velhinho mas era tesol! E saiba lá mais esta: se não fosse ele, já agora aí tínhamos o mundo envolvido nalguma bernarda que não deixava homem vivo. Aquilo esteve feio: de espadas desembainhadas a crescerem uns para os outros: Mas Pio XI, punha-se de permeio e gritava-lhes: *Alto lá! A Lei de Deus manda-nos amar uns aos outros como irmãos*. Eles escondiam as armas, mas ficaram lá com os ódios no coração.

— Queres tu dizer que qualquer dia...

— Pois quem sabe lá... E depois, quere saber, tinha tão bom coração que se compadecia das pobres crianças sem abrigo e cheias de fome que os selvagens comunistas deixaram abandonadas na Rússia e na Espanha. Deu muita soma de dinheiro para cuidarem delas e as sustententarem.

— Coitado! Foi muito mau morrer, que ainda há muita miséria no mundo e os homens estão cada vez mais endiabrados.

— Deixe estar que já se trabalha para eleger outro que lhe não há-de ficar atrás. Os Papas são todos assim porque é Deus quem os escolhe.

— Mas sempre há-de ser uma guerra levada da breca: Todos querem ser... Sempre ouvi dizer que o Papa era o homem mais rico do mundo... Um Papa tem um ordenade maior do que um rei!

— Quem lhe meteu essa na cabeça? O Papa vive pobremente, desapegado de tudo. Não tem rendimentos nem bens senão os que a caridade dos fiéis lhe oferece. O que lhe sobra é para esmolas.

Julga que estão assim todos prontos a ir sentar-se na cadeira de S. Pedro? Não, que quem para lá fór tem de morrer como ele — crucificado. Se não com a cruz por detrás das costas, ao menos pela frente, pelo coração, carregado de desgostos e cuidados.

— Estou a ver que me faz falta ir com vocês à igreja ouvir estas coisas.

— É começar.

— É verdade. Vou pensar nisso.

Pedir sempre aos vendedores de jornais as «Novidades», porque, se eles as não trazem, é porque não lhas pedem.

Precisando de livros nacionais ou estrangeiros, consultai sempre a «União Gráfica».